

MONUMENTA BRASILIAE

Rosa Esteves

O TRABALHO DE ROSA ESTEVES PODE SER VISTO COMO UMA ARTE ORGÂNICA E ÚNICA, EM QUE AS OBRAS SÃO CRIADAS UMA A PARTIR DA OUTRA, SEM ROMPIMENTOS, EM UM ATO CRIATIVO CONTÍNUO, COMO UMA ESPÉCIE DE INVESTIGAÇÃO QUE SE APROFUNDA, EM QUE RESPOSTAS GERAM NOVAS PERGUNTAS, IMPEDINDO A PARALISAÇÃO DA AÇÃO.

Adrienne Firmo, 2013

Começo com essa citação sobre meu trabalho, parte de um texto mais longo, ela resume de forma objetiva e clara como se desenvolve o meu fazer como artista. Não me atenho a determinada técnica ou procedimento, busco nas mais variadas linguagens aquela que se adequa melhor à proposta que pretendo desenvolver. Minha atuação profissional como museóloga também possibilitou conhecimentos que pude incorporar à realização artística.

Desenvolvo minha produção nas áreas de fotografia, gravura, livro de artista, cerâmica, objeto escultórico, performance, instalação e interferências em espaço público. Questiono o universo feminino, por meio da exploração de arquétipos que dizem respeito a esse corpo na arte. Exploro também as questões referentes aos efeitos do tempo sobre o corpo e à memória corporal, apresentando reflexão sob um viés autobiográfico.

Atuei como museóloga no Museu Lasar Segall de 1981 a 2016, essa dedicação trouxe importantes contribuições para minha formação. O conhecimento aprofundado da obra de Segall foi uma oportunidade única. Trabalhar com o acervo do museu me colocou muito próxima do fazer do artista, principalmente ao imprimir todas as suas gravuras, parte de um projeto de pesquisa que desenvolvi na instituição.



Rosa Esteves é artista visual, pesquisadora, curadora e museóloga - desenvolve sua produção na área de fotografia, gravura, livro de artista, objeto escultórico e performance. Questiona o universo feminino, por meio da exploração de arquétipos que dizem respeito ao corpo feminino na arte. Explora também as questões referentes aos efeitos do tempo sobre o corpo e à memória corporal, apresentando discussões sob um viés autobiográfico. Realizou 24 exposições individuais e mais de 100 exposições coletivas no Brasil e exterior. Atuou como museóloga no Museu Lasar Segall de 1981 a 2016.



Matrizes de cerâmica e argila

Nos anos 1980, já trabalhando no Museu Lasar Segall, retomei o desenho com Antônio Hélio Cabral e a gravura com Arnaldo Batalhini, no ateliê do museu. No mesmo período, voltei a trabalhar com cerâmica no ateliê de Vera Giradon e Luiza Yamanaka. Lidar com argila foi fundamental no meu processo de pensar a tridimensionalidade, porque foi a manipulação dessa massa amorfa que plasmou meu entendimento do espaço. Naquela época produzi muitos objetos cerâmicos com formas arredondadas. Tratei assim do gesto feminino, ligado às ocupações da casa e aos cuidados do corpo.

De 1989 a 1991, fui orientadora no ateliê de gravura do Museu Segall, no período noturno. Tempo em que pude desenvolver uma série de gravuras em metal, e iniciei uma pesquisa em que buscava unir a gravura – o ato de gravar – e a cerâmica. Elaborei, então, matrizes com placas planas de argila (*Kéramos matricis*), onde imprimir vários tipos de conchas e espécimes marinhos, juntamente com marcas deixadas pelas minhas próprias mãos, ao adicionar desenhos e grafismos.

A imagem das conchas e sua simbologia foi um tema recorrente em minhas gravuras e desenhos, meu interesse por esse motivo nasceu de um diálogo com uma colega da faculdade, ela desenhava conchas e caracóis, discutimos sobre essas formas harmoniosas caracterizadas pelas proporções da seção áurea.

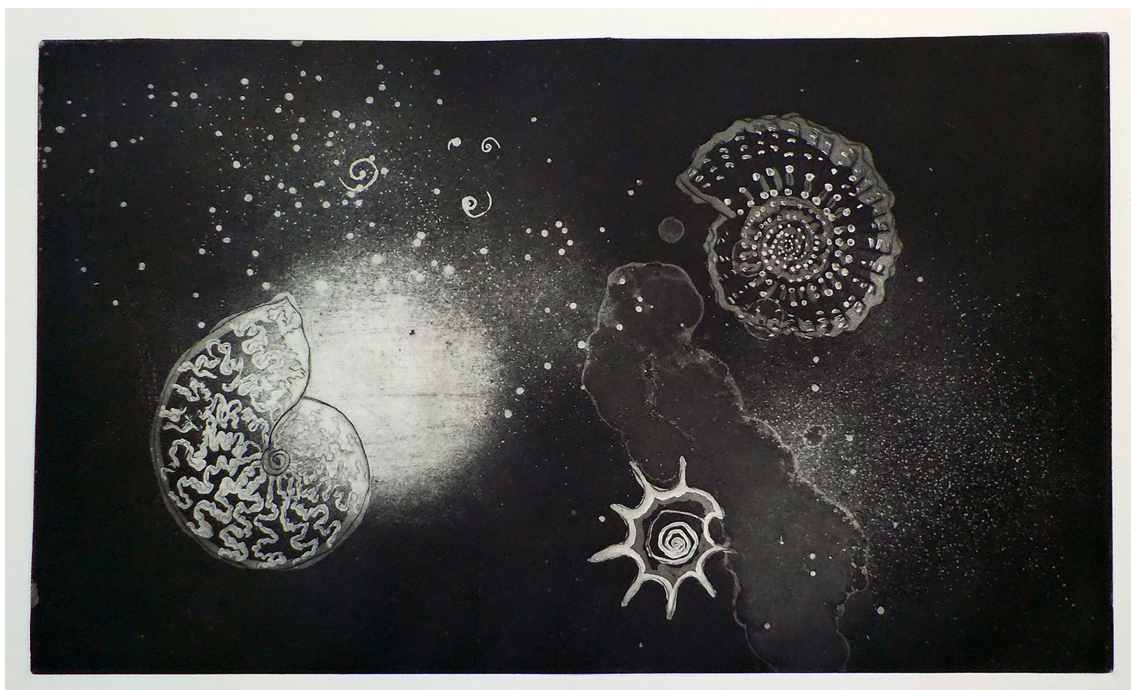
Essas matrizes, depois de secas, foram queimadas a 1300°C. Posteriormente, entintadas com tinta gráfica e impressas sobre papel, com novas interferências pelas técnicas de *frotage* e monotipia, criando cópias únicas – *Genesis Fractal*. Em seguida, encapsuladas em resina, convertidas em gravuras-objeto, e fizeram parte de uma interferência realizada, em 1998, na praia de Guaecá, em São Sebastião, no litoral paulista, denominada *Projeto Fractus Brasil*. Nesta época, elaborei também matrizes tridimensionais, esferas, cilindros e formas elípticas, com as mesmas gravações.



GENESIS FRACTAL, 1991
Gravura de matriz plana de cerâmica sobre papel japonês



KÉRAMOS MATRICIS, 1991
Cerâmica alta temperatura



MEMÓRARES FRACTAL, 1991
Água forte, água tinta e ponta seca



ASPECTOS DO PROJETO FRACTUS BRASIL,
Praia de Guaecá, São Sebastião, SP, 1998.



Outra questão de interesse na minha pesquisa é a simbologia do feminino, que aparece representada pela analogia concha-vulva e nas formas arredondadas das matrizes de argila e cerâmica. Sendo a própria argila, matéria amorfa, por mim entendida como feminina. Sem perceber fui me apropriando dessas imagens, que, sempre e cada vez mais, se tornavam compulsivamente recorrentes em meu trabalho. Os significados que elas traziam ficavam cada vez mais conscientes para mim, e quanto mais as compreendia, mais a procura se intensificava, então, mergulhei nesse universo em busca de uma ancestralidade feminina, em busca de minhas raízes. Dos símbolos que representam o feminino à passagem para o corpo feminino foi um passo. Nasceu assim a série Deusas, em que utilizo o corpo como matriz e suporte de transferência da pintura, em um ato performático solitário.



ATO PERFORMÁTICO PARA A
REALIZAÇÃO DA IMPRESSÃO DAS DEUSAS,
2000



DEUSAS, 2000
 Impressão do corpo e de matriz esférica,
 guache sobre papel

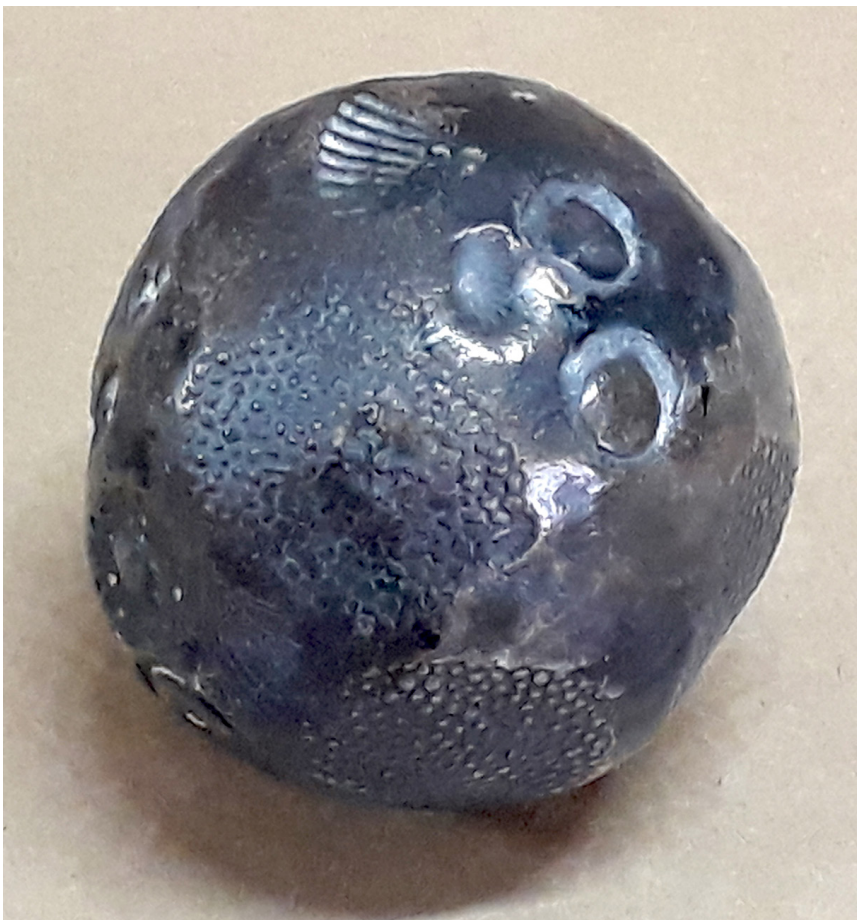
Rosa Esteves assume na série atual intitulada Deusas as marcas e demais insígnias conquistadas por sua pele ao usar o próprio corpo como matriz. Antes de se imaginar a obra finalizada, tem-se aqui que levar em consideração o processo de criação como um ritual, pois o gesto de se ornamentar através da pintura remete à necessidades extremas como de defesa ou até de acasalamento segundo códigos de conduta existentes em todas as culturas. Seu torso passa a reconstruir monotípias singulares. Vermelho, preto e branco em tons e densidades variados delimitam a nova existência. Esta forma transposta ao papel, como consequência de uma performance, será ainda demarcada por ornamentos geométricos.

TEREZA ARRUDA, 2000

Matrizes esféricas de argila

Durante o processo de pesquisa coloquei-me a seguinte questão: e se a matriz de argila fosse esférica? Que tipo de impressão sua tridimensionalidade poderia me dar? Fiz então, a primeira, uma esfera de argila na qual imprimi conchas e animais marinhos. Depois de seca, recebeu uma proteção de goma laca, pois não poderia ser queimada.

Assim, a impressão dessa matriz redonda, *Gea matricis*, me conduziu a um efeito inesperado: eu nunca teria uma cópia igual à outra, obteria impressões semelhantes mas não iguais. O resultado foi *Gea Fractal*, uma gravura peculiar, com infinitas possibilidades de traçado e jamais idênticas.



GEA MATRICIS, 1991/2000
Argila com gravação de conchas e animais marinhos

Livros de artista

Desde 2016, aprofundo a pesquisa sobre as matrizes esféricas, um suporte que se revelou adequado naquele momento foi o livro de artista. Realizei então a série de livros de artista denominada *Monumenta Brasiliae* [GAMBINI, 2000].

A apropriação do título da obra editada pelo padre Serafim Leite, publicação em três volumes de valor histórico relativos aos 20 primeiros anos de atividades dos jesuítas no Brasil, se deu pela necessidade de exprimir a minha ligação com o meu país e como forma de me relacionar com as minhas origens, com um passado ancestral, também pela busca por uma representação do inconsciente coletivo, uma vez que em minha poética visual, tenho como referência os fosséis, a pintura rupestre e as tradições culturais, principalmente da pintura corporal dos indígenas, não apenas pelas formas, mas, também, pela gama de cores.

A materialização dessa ideia resultou nos livros com sobreposições de impressões em cores que vão do preto, passando pelo marrom, sépia, sanguínea, ocre, branco e ouro. São cores encontradas nas pinturas rupestres e nas pinturas corporais, entranhadas na memória coletiva, e se referem à terra em seus múltiplos tons, como o dourado ligado à riqueza mineral ou à areia das praias.

A impressão dos dois primeiros livros, em sentido linear, se aproxima da narrativa discursiva. Já os outros exemplares, com impressão em circunvolução espiral, se aproximam das primitivas formas de expressão da consciência, o círculo “como símbolo do self: ele expressa a totalidade da psique em todos os aspectos, incluindo o relacionamento entre homem e a natureza” [JAFFÉ, 2000]. Esta impressão circular se mostrou adequada como representação das memórias.



IMPRESSÃO DOS LIVROS DE ARTISTA:
Monumenta Brasiliae I e Monumenta Brasiliae III

Os livros, encadernados no formato denominado “dragão”, quando abertos, se transformam em um livro-objeto e permitem uma visão tridimensional e caleidoscópica, que se “movimenta” conforme nos aproximamos ou nos distanciamos deles.



MONUMENTA BRASILIAE I, 2017
26 x 26 cm fechado / 26 x 156 cm aberto.

Livro de artista, em três cores, com impressão de três matrizes esféricas de argila, em papel Hahnemuhle de 300 g. Encadernação tipo sanfona.

Foram realizados três exemplares únicos.

Idealizei esse livro de artista como de memórias, fossem elas coletivas ou as minhas próprias. Assim, decidi que a impressão seria feita em camadas, uma se sobrepondo à outra e com cores diferentes para que se criasse um pentimento, um vestígio.

Utilizei três matrizes esféricas de argila, criadas por mim, em 1990 e em 2000. Cada matriz possui um tipo de gravação, a primeira com impressões de conchas e animais marinhos; a segunda e a terceira, respectivamente, inspiradas em pinturas rupestres e em pinturas corporais indígenas.

Para a realização da obra, fiz inicialmente uma impressão com tinta gráfica incolor e pigmento dourado, posteriormente, imprimi cada matriz no sentido linear, nas cores preto, sépia e sanguínea.



Livro de artista, com impressão, em três cores, três matrizes esféricas de argila e fotografia digital, em papel Hahnemuhle de 300 g.

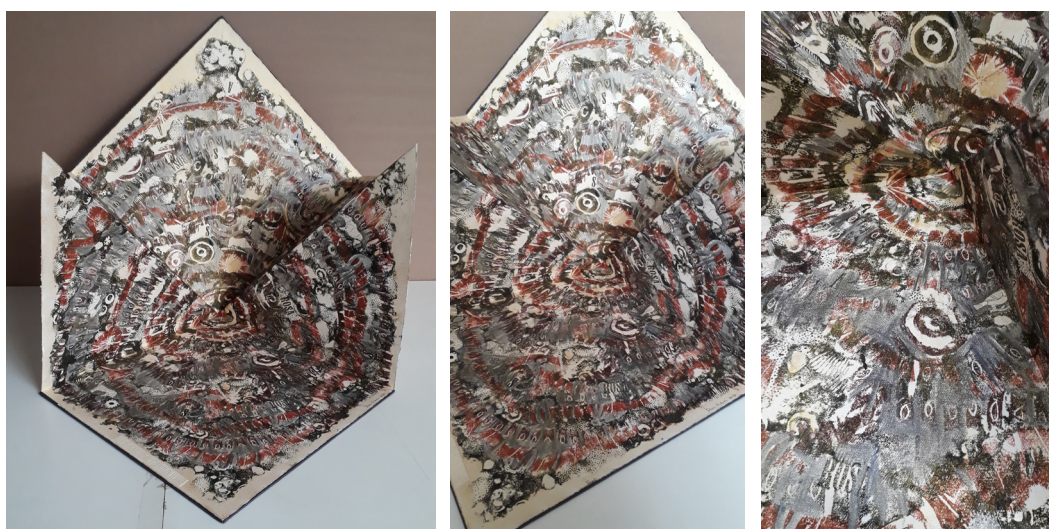
FOTOGRAFIAS DE PINTURA RUPESTRE DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO PEDRA PINTADA, SITUADO PRÓXIMO À CIDADE DE BARÃO DE COCAIS, MINAS GERAIS. Encadernação tipo sanfona. Exemplar único.

Novamente, uma impressão com tinta gráfica incolor e pigmento dourado, e a impressão das matrizes em preto, sépia e sanguínea. Um aspecto importante foi a incorporação de imagens fotográficas que realizei de pinturas rupestres.

Esse segundo livro de artista já surge indicando a criação de uma série com o mesmo título, pois os primeiros abriram um campo bastante rico a ser explorado.

MONUMENTA BRASILIAE III, 2017
40 x 40 cm fechado / 80 x 80 cm aberto /
56 x 56 x 40 cm exposto

Livro de artista, com impressão em três cores, três matrizes esféricas de argila, em papel Hahnemuhle de 300 g. Encadernação dragão.



As mesmas matrizes foram utilizadas na criação desse exemplar, acrescentei a impressão de carimbos de animais, guardados desde minha infância, com os quais eu marcava os “meus” locais importantes, principalmente o telhado da garagem da nossa casa. Utilizei também alguns tipos móveis, que pertenceram à tipografia de meu pai.

Nele fiz uma impressão circular partindo do centro e se desenvolvendo em espiral. Encontrei na mandala – símbolo de origem remota que representa o cosmo, o divino, a magia e o inalcançável – imagem que refletisse várias camadas de memória: do inconsciente coletivo; arqueológico, das pinturas rupestres; antropológico, no desenho dos povos indígenas; da escrita e da minha infância. Havia empregado a simbologia ligada à espiral em muitas das minhas gravuras no fim dos anos 1980.



MONUMENTA BRASILIAE IV, 2017
27 x 27 cm fechado /
54 x 54 cm aberto /
38 x 76 x 38 cm exposto

Livro de artista, com impressão em três cores, três matrizes esféricas de argila, carimbo e tipos móveis, em papel Hahnemuhle de 300 g. Encadernação tipo dragão.

Exemplar único.

Novamente, as camadas de impressão em preto, sépia e sanguínea se sobrepuseram, criando gradações de tons. Por último, uma velatura com tinta acrílica dourada.

Foi pensada uma encadernação no formato dragão, na qual o papel é dobrado de certa maneira de modo que, quando aberto, transforma a gravura em uma imagem hipnótica, que muda conforme nossa aproximação ou distanciamento.

Novamente a impressão é circular, do centro para fora do papel, as mesmas matrizes foram utilizadas na criação, juntamente com os carimbos de animais da minha infância, alguns tipos móveis e, acrescentei ainda, carimbos com formas geométricas que me permitiram uma impressão serial na borda do papel. Utilizei respectivamente preto, marrom, sépia e sanguínea e, por último, uma velatura com tinta acrílica dourada, que uniformizou e forneceu certa iridescência.

Esse exemplar possui duas páginas que, abertas, possibilitam uma visão de 360° do objeto.

MONUMENTA BRASILLIAE V, 2019
27 x 27 cm fechado / 54 x 54 cm aberto
/38 x 76 x 38 cm exposto

Livro de artista, com impressão em três cores, três matrizes esféricas de argila, carimbo e tipos móveis, em papel Hahnemuhle preto de 300 g. Encadernação tipo dragão.

Exemplar único.



Dessa vez, escolhi o papel preto e comecei a impressão com tinta branca; para as camadas subsequentes de impressão, utilizei um ocre dourado e a sanguínea e, por último, uma velatura com tinta acrílica dourada.



MONUMENTA BRASILIAE VIII, 2023/2025

Livro de artista, impressão digital de gravura de Salomão de Vasconcelos, 1663, sobreposta por impressão com matrizes esféricas de argila, em três cores, carimbos, tipos móveis, tinta acrílica dourada.

Nesse projeto, utilizei alguns registros do Brasil feitos por artistas do século XVI e XVII, mapas, gravuras e ilustrações. Registros fornecidas por Lucia Loeb, oriundos da então coleção de Guita e José Mindlin. Após a impressão da imagem selecionada, em papel de aquarela no formato A4, foram impressas as matrizes esféricas, nas cores castanho e sanguínea, contornando a imagem. Foram utilizados alguns carimbos, tipos móveis, além disso desenho com tinta preta.



MONUMENTA BRASILLIAE VII, 2023/2025
Livro de artista, impressão digital de gravura de Arnoldus Montanus, 1671, sobreposta por impressão com matrizes esféricas de argila, em três cores, carimbos, tipos móveis, tinta acrílica dourada.



MONUMENTA BRASILLIAE VII, 2023/2025
Livro de artista, impressão digital de gravura de Philopono, 1621, sobreposta por impressão com matrizes esféricas de argila, em três cores, carimbos, tipos móveis, tinta acrílica dourada e folha de ouro.



**MONUMENTA BRASILIAE
VII, 2023/2025**

Livro de artista, impressão digital de gravura de André Thevet, 1575, sobreposta por impressão com matrizes esféricas de argila, em três cores, carimbos, tipos móveis, tinta acrílica dourada e folha de ouro.

Por fim, foi aplicada velatura com tinta acrílica dourada, que uniformizou a superfície e conferiu uma iridescência sutil. Alguns pontos específicos receberam aplicação de douração, a fim de destacar detalhes.

Acredito que a pesquisa que relato propicia questões para o debate sobre a gravura contemporânea e expande a compreensão do conceito de matriz.

Referências bibliográficas

GAMBINI, Roberto. *Espelho índio: a formação da alma brasileira*. São Paulo: Axis Mundi/Terceiro Nome, 2000.

JAFFÉ, Aniela. O simbolismo nas artes plásticas. In: JUNG, Carl G. (org.) *O homem e seus símbolos*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000, p. 225-266.

ESTEVES, Rosa. Corpo comestível: anotações poéticas. In: GARCIA, Wilton (org.). *Corpo e arte: estudos contemporâneos*. São Paulo: Nojosa Edições, 2005, p. 135-147.

FIRMO, Adrienne de O. *Corpo comestível e o corpo como matriz de Rosa Esteves*, São Paulo, 2007. Texto de parede e para catálogo da exposição *Mulheres brancas*, Museu de Arte de Ribeirão Preto Manuel-Gismondi.

ARRUDA, Tereza. *Corpos cravados – Gravadoras incansáveis: Sandra Kafka, Rosa Esteves e Cassia Gonçalves em ação*, São Paulo, 2001. Texto para folder da exposição, Gravura Brasileira.